

dos resultados foi realizada descritivamente por tabelas e gráficos. A comparação entre países foi realizada para a Argentina, Eslovênia, Noruega, Espanha, EUA, Romênia, Dinamarca, Irlanda, França e Portugal, relacionando a aceitação de HH na doação de sangue desses países. **Resultados:** Retornaram 1902 estudos para triagem através dos títulos e resumos, e 24 artigos foram lidos integralmente. Após a aplicação dos critérios de elegibilidade, foram incluídos sete estudos sobre a frequência das mutações C282Y, H63D e S65C em populações de doadores de sangue, controles saudáveis e população geral, nos estados de Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Norte e Espírito Santo. A frequência de heterozigotos C282Y variou de 2,7% a 4%, o polimorfismo H63D apresentou a variação de 0,83% a 1,85% de homozigotos (H63D/H63D) e 0,095% a 25,63% de heterozigotos (H63D/WT) e a mutação S65C resultou na ocorrência de 0,63% a 1,9% de heterozigotos (S65C/WT). Para as mutações C282Y/C282Y e C282Y/H63D, as frequências nos estudos brasileiros variaram de 0,095% a 0,3% e 0,25% a 0,74%, respectivamente. Nos estudos mundiais avaliados, a frequência destes polimorfismos variou de 0,1% a 1,21% e 0,45% a 2,51%. **Discussão:** No Brasil, não existem diretrizes para a doação de sangue por portadores de HH, resultando no descarte do sangue coletado nas sangrias terapêuticas. Esse estudo encontrou uma baixa prevalência das mutações C282Y/C282Y e C282Y/H63D na população brasileira saudável, sendo a maior frequência das mutações ocorridas nas regiões sul e sudeste do Brasil, onde há maior densidade de caucasianos. Essas mutações são consideradas HH mesmo sem a presença de sobrecarga de ferro, porém possuem baixa penetrância clínica. Ao comparar nossos resultados com os estudos internacionais, a Argentina, Espanha, Estados Unidos, Dinamarca e França também apresentaram baixa ocorrência da mutação C282Y/C282Y, no entanto, possuem diretrizes para doação com HH. Ao considerar que os portadores de HH possuem resistência à deficiência de ferro e podem realizar a retirada do sangue mais vezes que os doadores comuns, a contribuição desses doadores para o estoque dos bancos de sangue no Brasil pode representar um incremento importante. **Conclusão:** Apesar da baixa prevalência de HH no Brasil e da escassez de resultados em algumas regiões brasileiras, existe um contingente de potenciais doadores de sangue que poderia ser utilizado para fins transfusionais. Essa afirmação pode ser corroborada por países que apresentam frequências semelhantes às identificadas em nosso estudo e que adotam políticas públicas que aceitam essas doações.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.1233>

EDUCAÇÃO SEXUAL COMO FERRAMENTA PARA MAIOR APTIDÃO DOS DOADORES DE SANGUE NO BRASIL

JCA Silva, PM Polato

Universidade Nove de Julho (UNINOVE), São Paulo, SP, Brasil

Objetivo: O objetivo deste estudo é avaliar os impactos e benefícios da educação sexual na atenção primária em saúde,

especialmente em relação à aptidão dos doadores de sangue. Para isso, foram considerados dados da Produção Hemoterápica Brasileira e informações epidemiológicas do Ministério da Saúde sobre infecções sexualmente transmissíveis. **Material e métodos:** Foi conduzido uma revisão sistemática e meta-análise, com busca realizada entre 2022 a 2024 nas principais bases de dados: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), PubMed e Ministério da Saúde. Utilizaram-se descritores específicos como, “doação de sangue”, “doenças sexualmente transmissíveis”, “prevenção de doenças”, nos idiomas inglês e português, abrangendo períodos científicos publicados. **Resultados:** A doação de sangue no Brasil ocorre desde 1940, mas somente em 1980, com a preocupação global sobre a AIDS, foram implementadas leis para a triagem clínica dos doadores. A Lei 10.205/2001 tornou obrigatória a testagem individual de cada amostra, incluindo testes para hepatite B e C, AIDS e sífilis, que são o foco desta revisão. Apesar dos avanços na prevenção e das políticas de conscientização (Lei nº 13.504/2017), os boletins hemoterápicos de 2022 a 2024 indicaram o “comportamento de risco para ISTs” como a segunda causa de inaptidão na triagem clínica, especialmente entre doadores do sexo masculino. Um doador inapto não atende aos requisitos de doação, podendo ser temporariamente, definitivamente ou por tempo indeterminado. Em 2023, 57% das inaptidões por comportamento de risco foram de homens, e essa tendência se manteve em 2024, resultando em significativa perda de voluntários masculinos. Concomitantemente, o boletim epidemiológico do MS demonstra que as taxas de sífilis adquirida aumentaram 23% entre 2021 e 2022 (de 80,7 para 99,2 casos por 100.000 habitantes) e que a razão de sexos para o HIV dobrou de 14 para 28 homens para cada 10 mulheres. Entre 2000 a 2022, foram diagnosticados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan) 750.651 casos de hepatite virais, sendo 77% sexualmente transmissíveis. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) a sexualidade é considerada um tabu, seja por questões culturais, políticas, sociais ou pelo desconhecimento do assunto. A educação sexual no Brasil está em constante evolução. Compreender a sexualidade é uma abordagem eficaz para prevenir infecções sexualmente transmissíveis, além de possibilitar ao indivíduo um maior conhecimento sobre seu próprio corpo. **Discussão:** Os dados encontrados indicam que a demora histórica na implementação de políticas de segurança na doação de sangue contribuiu para uma insegurança populacional, simbolizada pelas altas taxas de inaptidão associada a comportamento de risco para infecções sexualmente transmissíveis. A educação em sexualidade possibilita um maior conhecimento sobre prevenção e amplia a visão para as consequências associada ao sexo desprotegido. **Conclusão:** Os resultados deste estudo destacam a importância da educação sexual para aumentar a aptidão de voluntários para doação de sangue. Apesar das medidas de segurança em agências transfusionais brasileiras, a inaptidão por comportamentos de risco associados a infecções sexualmente transmissíveis permanece alta. A atenção primária é fundamental para educar candidatos e futuros doadores, e fortalecer essas iniciativas visa melhorar o abastecimento, a qualidade e a segurança da doação.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.1234>